

# **A HISTORICIDADE DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: A DIDÁTICA MAGNA DE COMENIUS E AS ATUAIS CONCEPÇÕES DA EDUCAÇÃO**

Leozil Ribeiro de Moraes Jr<sup>1</sup>  
Flaviane Mônica Christ<sup>2</sup>

## **RESUMO**

Esse artigo pretende entender o pensamento de Comenius. Perceber sua historicidade. Para isso relacionamos suas formulações e concepções com as lógicas que sustentam a educação como projeto ideológico de governo atualmente. Expõem-se as relações de seu pensamento e o capitalismo moderno. Concepções didáticas são confrontadas com discursos que se pretendem definidores da realidade em educação, sobretudo aqueles ligados as ideias de educação e tecnologias, e educação como cumpridora de índices e metas numéricas de aprovação e reprovação. Procuramos ainda problematizar os índices de pesquisas na área de educação. Criticando-os como projeto de cultura avaliativa, com intuito de evidenciar sua lógica como projeto que intenciona isentar as discussões profundas de sociedade e seus problemas. Sobretudo ao isentar o governo das questões centrais para uma educação crítica. Conclui-se que embora modernos em termo de século XVI, no capitalismo nascente, hoje o pensamento de Comenius se evidencia como ultrapassado se analisarmos no sentido da construção de práticas pedagógicas transformadoras, porque ele sustenta e é mantido por um projeto de educação que considera a sociedade atual como eterna e natural.

**Palavras-Chave:** Didática. História. Educação. Comenius.

## **ABSTRACT**

This article seeks to understand the thinking of Comenius. Realize his historicity. For this, we related their formulations and conceptions with the logics that sustain the education as an ideological project of the currently government. Is exposed the relationship of his thought and modern capitalism. Didactic conceptions are confronted with speeches that are intended definers of reality in education, especially those linked to the ideas of education and technology, and education as executer of indexes and numerical targets of approval and disapproval. We also tried to problematize the indices of research in education. Criticizing them as evaluative culture project, in order to evidence its logic as a project that intends to exempt deep discussions of society and its problems. Especially by exempting the government of the central questions for a critical education. It is concluded that although modern in terms of the sixteenth century in the nascent capitalism, today the thought of Comenius is evidenced as overtaken if we analyze towards of the construction

---

<sup>1</sup> Jornalista, Historiador e Mestre em História pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Professor no curso de jornalismo na Universidade Estadual do Estado de Mato-Grosso (UNEMAT). E-mail: leozil@bol.com.br

<sup>2</sup> Jornalista, Historiadora e Mestre em História pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Professora no curso de jornalismo na Universidade Estadual do Estado de Mato-Grosso (UNEMAT). E-mail: flaviane@hotmail.com

transformative pedagogical practices, because it sustains and is maintained by an education project that considers society current as eternal and natural.

**Keywords:** Didactics. History. Education. Comenius.

## 1. INTRODUÇÃO

A educação é um processo histórico. Ela se modificou e se modifica a cada dia a partir da realidade que a faz e que é feita por ela. Isso significa que a cada momento histórico concreto as representações e criações humanas são por um lado referentes dessa realidade, e fabricadores desse vivido. De uma educação pela imitação para aquisição de conhecimento dos mais velhos, feita pela brincadeira e contação de histórias e lendas nas sociedades antigas a uma escola tecnicista e informatizada percebemos bem essas transformações.

Nesse processo histórico, um momento importante foi o surgimento das concepções modernas de Educação. E nesse sentido se torna importante a análise da obra de João Amós Comenius, pois o autor significa, sobre vários aspectos, essa passagem de uma educação medieval para uma educação moderna. Comenius pensou sobre uma nova Didática que ainda hoje é importante. Esse artigo é uma revisão bibliográfica da obra a Didática Magna e uma discussão de suas teses centrais e dos possíveis desdobramentos atuais. Para isso revisamos alguns teóricos comentadores de Comenius.

Nosso objetivo é senão mostrar a importância desse autor, explicitar seus conceitos, bem como refletir sobre a relação de suas ideias com as concepções atuais de educação. O trabalho se justifica na medida que Comenius se mantém atual dentro das concepções pedagógicas. Cabe uma investigação dos motivos que levam a uma escolha por parte das políticas públicas referenciais das universidades e das decisões individuais e coletivas dos professores que o mantém seu pensamento vivo e atual.

A hipótese que fundamenta esse artigo é a concepção de que Comenius se mantém atual e importante na medida em que ele representou uma ruptura educacional entre o período medieval e o moderno. Mas, sobretudo que suas concepções ao apresentarem atuais e válidas são fruto e desdobramento de uma ideologia na educação que parte de noções que naturalizam o homem histórico. A educação contemporânea distorce suas reais

possibilidades de construção de um homem futuro. De um além-homem, como diria o filósofo Nietzsche.

Justificamos nossa escolha nesse artigo de análise bibliográfica, não somente pela importância de Comenius na educação, mas, sobretudo pela falta de leitura crítica da obra desse autor. Principalmente pretendemos fomentar um debate que leve nossos leitores e interlocutores aos originais, à Didática Magna. Ao propormos análises que se distanciam das que apenas enaltecem Comenius, pretendemos fazer com que os leitores vão até os originais para nos contrariar ou concordar com nossa análise.

## **2. ASPECTOS GERAIS DA TEORIA DE COMENIUS**

Comenius nasceu em 1592 na Moravia. Sua família pertencia a uma fraternidade religiosa protestante. Entra tardeamente à escola, somente aos dezesseis anos. Em quatro anos já está na universidade, donde sai com duas teses e um livro de gramática de sua língua materna. Em seguida, se torna diretor da escola da fraternidade religiosa que estudara. E aos 24 anos é ordenado sacerdote e reitor das escolas dos Irmãos. A luta entre católicos e protestantes que culmina com a Guerra dos Trinta Anos saqueia e arrasa a cidade onde mora e junto sua biblioteca e manuscritos. Durante a guerra sua esposa e filhos morrem vítimas das pestes e miséria.

Então inicia uma intensa peregrinação por vários países como forma de se afastar do mundo para entrar na sua consciência. As perseguições aos seus irmãos se tornam cada vez mais violentas e Comenius os ajuda com textos, para manter a coragem deles, e também pede asilo à Polônia, para os irmãos. Quando as coisas se acalmam um pouco volta a se dedicar a obras de reforma pedagógica que tinha iniciado ainda na universidade e no seu reitorado da escola da fraternidade. Passa a escrever sobre a arte de ensinar. Quando são novamente obrigados a ou se converterem ao catolicismo ou abandonarem a Boemia, empreende e organiza as famílias para o exílio do país. Na Polônia toma conhecimento de mais obras e doutrinas sobre reforma do sistema pedagógico medieval e assim inicia o preparo de sua principal obra, a Didática Magna. Depois vai à Alemanha, Holanda, Hungria, Suécia, Inglaterra e outros, para aplicar suas doutrinas pedagógicas já bastantes

conhecidas ou propõe um diálogo ecumênico com as demais religiões, protestante e católica.

A Didática Magna mesmo tendo inúmeros defeitos de uma obra escrita a vários séculos, contribui para a criação de uma ciência da educação, como disciplina autônoma, é nela que se faz uma sistematização do ensino que deixa de ser medieval para se tornar moderno.

Segundo Lorenzo Luzuriaga (2001) a pedagogia no século XVII sofre influência de duas grandes correntes filosóficas de seu período. A empírica de Bacon, que considera que o conhecimento vem da experiência e das percepções sensíveis. Mesmo não sendo uma corrente pedagógica essa proposta filosófica propõe que o estudo deve começar do estudo da natureza, do conhecimento das coisas concretas. Através do método indutivo, os fatos particulares são agrupados, experimentados para se chegar a conceitos gerais, que é o conhecimento.

Nesse tempo está em alta a corrente filosófica idealista de Descartes. O conhecimento se origina da dúvida metódica e da discussão das ideias. Nessa perspectiva o importante para o conhecimento são as ideias, não as coisas. Há uma valorização do ser pensante em detrimento do mundo exterior e concreto. Na pedagogia da época dos pressupostos de Descartes o mais utilizado é seu método, esse é usado como base da didática.

Mas Luzuriaga destaca que mesmo contraditórias essas duas correntes são unidas na educação e formam o que se chama de pedagogia Realista, em que o conhecimento verbalista, anterior é substituído pelo conhecimento das coisas por suas representações. É nesse sentido que Paul Monroe (1979) contextualiza a obra de Comenius com seu tempo e irá dizer que ele foi o mais importante representante do movimento Realista, o que se percebem bem nitidamente no ensino das línguas. Propõe não mais decorar infinitos termos, mas a apresentação de palavras com seus desenhos ao lado, como forma de melhorar a aprendizagem.

Ao se tornar uma nova didática a pedagogia Realista sugere o emprego de um método da educação segundo certas regras. Porém dá mais espaço para a individualidade do aluno, e no discernimento da ordem moral e social se mostra com um espírito mais tolerante, de respeito à personalidade e de fraternidade entre os homens.

Luzuriaga diz que Comenius além de fundador da didática, foi em parte da pedagogia moderna. Mas sua contribuição não se encerra aí, pois foi também um pensador, um reformador social, uma personalidade extraordinária e um místico. Seu nome está entre os maiores da educação e da pedagogia. Sua pedagogia é a união entre as ideias realistas e religiosas, dando continuidade à corrente religiosa da Reforma e o empirismo da Renascença. A parte religiosa se refere aos fins e a realista aos meios.

“O fim da educação é, para Comenius, a salvação, a felicidade eterna” (LUZURIAGA, 2001, p. 139). Mas ela não está submissa a certo posicionamento religioso, é uma religiosidade íntima. Os fins da educação são os mesmos da vida, o saber, que é o conhecimento de todas as coisas; a virtude e os bons costumes, boas maneiras e domínio sobre as paixões, e a piedade ou religião que é a veneração interna onde o aluno se une com o ser supremo.

Para Comenius, segundo Luzuriaga, a educação é que dá humanidade e somente através dela o homem se torna homem. Assim vê a juventude como espaço na vida dado por Deus para o homem se formar. E a escola é essa fábrica de homens, para que possam aprender a viver verdadeiramente como homens. Daí derivaria sua noção de que a educação deve ser aplicada a todos, não apenas para ricos e nobres. Portanto um precursor da ideia de escola democrática unificada.

Luzuriaga percebe que o entendimento de Comenius sobre os jovens é profundo de modo que divide em quatro etapas a vida desses. A primeira é a infância de 0 a 6 anos, depois puerícia de 6 a 12, então a adolescência de 12 a 18 anos e por fim a juventude de 18 a 24 anos. Para cada fase desta Comenius propõe um tipo de escola e aprendizagem diferente. Na infância a escola maternal dentro de casa, na puerícia uma escola pública e comum na povoação, na adolescência uma escola latina ou ginásio numa cidade, na juventude uma academia ou universidade numa província maior.

Essa compreensão de Comenius em ver as diferentes fases e aplicar diferentes níveis de ensino propõe, por exemplo, que no maternal o que se deve ensinar são os exercícios dos sentidos internos como a imaginação e memória, com a língua e fala. No ginásio o ensino do entendimento, o juízo, a dialética a gramática e as ciências e artes reais e na academia se ensina a teoria, a filosofia, a medicina e o direito. Isso culmina com a

estruturação do ensino seriado dividido em seis séries e com a criação de um programa diferenciado de matérias para cada turma.

Comenius tem como ponto de partida o conhecimento, que deve ir do mais simples ao mais complexo, do concreto para o abstrato. O conhecimento seguirá um caminho do geral para o particular. Posicionava-se contra os retóricos e escolásticos pois, para ele o verdadeiro estudo deve partir das próprias coisas. A experiência sensível é valorizada como fonte de todo o conhecimento.

Defendia que o ensino não deveria ser só para a escola, mas para a vida. A verdadeira educação é aquela que faz o aluno pensar por si mesmo, e não aquela em que ele se torna mero espectador. Nas primeiras séries se aprenderia o geral de tudo e nas sequências se aprofundaria esse conhecimento. Para Comenius só assim poderia existir um progresso intelectual, moral e espiritual capaz de aproximar mais o homem de Deus.

Para ele todos podem chegar até Deus desde que elevassem o espírito. E a escola ajudaria nisso. Assim defende uma democratização do ensino. Todos devem ter acesso, homens, mulheres, pobres, ricos, inteligentes ou ineptos. Segundo Cambi (1999), Comenius elabora uma ideia de educação universal nutrida por fortes ideais filosóficos e políticos-religiosos. Estes remetem explicitamente às posições utopistas da época renascentista, sobretudo no que tange à justiça a pacificação universal, além da reforma social, político e intelectual.

Para Comenius a educação cria um modelo universal de “homem virtuoso”, e esse com capacidade de reformar à sociedade e os costumes. O homem é uma perfeita criatura, mas que necessita de “um pequenino impulsos de um sábio guia” para que se torne bom. Para isso a educação deve ocorrer nas escolas e bem cedo, antes que a mente seja ocupada por costumes mundanos.

Comenius critica a escola da época, pois elas são somente para poucas pessoas, a elite, e não estão localizadas em todas as partes. E ainda, os métodos utilizados são abstratos e cansativos. Defende uma reorganização do ambiente escolar, então para que funcione bem não pode se trabalhar com severidade e coerção, mas com delicadeza e docura. A escola deve ensinar para tornar os homens realmente homens.

Além de mostrar qual deveria ser a verdadeira educação, Comenius compôs inúmeros livros destinados ao ensino. Como o *Janua linguarum reserata* inova no ensino

das línguas ao unir a aprendizagem das palavras com o conhecimento dos objetos e coisas a que representam. No livro *Orbis pistus* através do método indutivo, parte de gravuras e impressões sensíveis para chegar aos conhecimentos gerais. Essas duas obras foram referência para o mundo contemporâneo de Comenius e até muito depois.

É nesse sentido que se pode afirmar como Luzuriaga que Comenius não foi apenas um didata ou pedagogo, mas um pensador e reformador, pois foi graças a sua compreensão que se superou as amarras dos ensinamentos ligados inteiramente à religião e reservado a poucos escolhidos.

## **2.1 A Didática Magna: Como Se Deve Ensinar E Aprender Com Segurança**

No Capítulo XVI: Comenius (1957) trata dos requisitos gerais para ensinar e para aprender, isto é, como se deve ensinar a aprender com segurança, de modo que seja impossível não obter bons resultados. São nove fundamentos e os exemplos vêm da natureza.

Fundamento I: A natureza espera o momento favorável. *Imitação*— A ave bota o ovo só na primavera quando o sol volta a dar vida e vigor a todos os seres. Então não é nem no período de frio nem do calor, mas na estação mais agradável. *Aberação*— Na escola isso não acontece, peca-se de dois modos. Primeiro não aproveitando o momento favorável para exercitar as inteligências. Segundo não organizando cuidadosamente os exercícios de modo a que desenrolem pouco a pouco. *Correção*— A educação deve começar na primavera da vida, na puerícia (seis aos 12 anos) e não na velhice que seria o inverno. Deve se ensinar no período da manhã que corresponde à primavera. E também tem que ensinar segundo a idade que eles sejam capazes de entender.

Fundamento II: A natureza prepara a matéria, antes de começar a introduzir-lhe uma forma. *Imitação*— A ave que quer criar, primeiro concebe em estado de embrião, depois faz ninho onde põe os ovos, chocas, e assim forma a sua criação e a faz sair de casa. *Aberação*— As escolas pecam em não ter todos os utensílios preparados: livros, quadros, mapas. Porque nos livros que as escolas possuem não é observada a ordem natural — apresenta-se às ordenas das coisas antes das próprias coisas. Ensinam fazer um discurso antes de ensinar a conhecer as coisas sobre que deve versar o discurso. *Correção*— Se deve ter nas mãos os livros e todo o restante do material. E dar exemplos antes de ensinar.

Fundamento III: A natureza toma um sujeito apto para operações que ela quer realizar ou, ao menos, prepara-o para tornar apto para isso. *Imitação*—

Uma ave não põe no ninho uma coisa qualquer para chocar, mas um objeto tal que seja possível fazer sair dele uma ave. Aberação— *As escolas pecam por não preparar todos, não preparam todos os homens para que cheguem a Deus.* Correção— As escolas deveriam ser mais democráticas, possibilitar acesso a todos.

Comenius tem razão em criticar a falta de planejamento, de preparação e de materiais didáticos que ajudem as crianças a aprenderem. Ninguém poderia discordar de uma escola para todos, apenas para se dizer crítico. Contudo essas questões precisam ser vistas como ultrapassadas em nossa sociedade. Não por que esses problemas estejam resolvidos, pelo contrário, ainda muitos permanecem. O discurso político da educação tem muitas vezes usado essa plataforma de análise, aliás, tem se sustentado nelas. As concepções de falta de preparação e planejamento, como um discurso que culpabiliza o professor são atual. Tornando-o responsável sozinho pelas dificuldades da educação.

Ninguém ignora que se deva ensinar a partir de capacidades, mas é preciso perceber que o ensino cria as capacidades também, como nos apontou Vigotski. Os professores estão conscientes de que precisam preparar seus alunos para o mercado de trabalho, que embora acompanhe um discurso de qualidade, há um claro sucateamento da educação. Pois há um grande número de professores, que atuam com contratos de trabalho sem garantias, não sabem se no próximo ano terão emprego. Para não falar em salários míseros.

Comenius tem razão em falar de uma escola democrática que dê acesso a todos, mas após a revolução francesa e inglesa, o ideal democrático evoluiu muito. Trezentos anos depois a realidade hoje deve ser: acesso de qualidade. Mas é apenas um discurso. Quando vemos as políticas governamentais e suas propagandas televisivas falar em alfabetização até os oito anos de idade nas escolas públicas, ficamos perplexos ao perceber a realidade do ensino privado que alfabetiza aos quatro anos. Ao verificarmos que os alunos que saem do ensino médio tem dificuldade de ler e entender o texto mais simples. Concluímos que o acesso a todos, está longe de significar acesso de qualidade. Então não é democrático. Falar em ensino democrático é apenas a metade da questão. No passado era mais:

Fundamento IV: A natureza não realiza as suas obras na confusão, mas procede distintamente. *Imitação*— Em uma ave se formam os ossos, as veias, os nervos noutro momento a carne, a pele e mais tarde ensina-se a voar. Uma após a outra. *Aberação*— Nas escolas reina a confusão, se ensina aos alunos muitas coisas ao mesmo tempo. *Correção*— *Nas escolas os alunos devem se ocupar apenas de matéria de cada vez.*

Fundamento V: A natureza começa cada uma das suas operações pelas partes mais internas. *Imitação*— Na ave forma-se primeiro as vísceras interiores, depois as partes exteriores como pele, penas. *Aberação*— Erram os professores fazer com que os alunos decorem sem explicar devidamente. E aqueles que não seguem pouco a pouco. *Correção*— Primeiro deve-se formar a inteligência para depois partir para a compreensão das coisas.

Fundamento VI: A natureza começa todas as suas obras pelas coisas mais gerais e acaba pelas mais particulares. *Imitação*— A natureza não forma primeiro a cabeça, olhos mas aquece toda a massa do ovo, desenvolvendo pouco a pouco até atingir sua forma perfeita. *Aberação*— Ninguém pode ser instruído numa ciência particular, sem ter uma visão geral das outras ciências. *Correção*— Fazer entrar na mente das crianças logo uma instrução universal para depois ser desenvolvido aos pormenores das coisas anteriormente estudadas.

Ao propor o ensino de uma matéria de cada vez, Comenius talvez seja a base do pensamento das divisões de disciplinas, que embora didaticamente necessárias, pois é impossível começar tudo ao mesmo tempo em termos de conhecimento, atingiram tal estágio, que tornaram hoje o ensino descontextualizado da realidade. Assim essa proposta soa hoje claramente não interdisciplinar e multidisciplinar. Claro que não pretendemos descontextualizar o próprio pensador. Mas usá-lo como referência para contextualizar a realidade histórica atual.

Não perceber as relações, por exemplo, entre a matemática ensinada e a realidade que nos cerca, produz cada vez mais seres com pouca capacidade de abstração lógica. Seres que não estão aptos para perceber as semelhanças sutis dentro das diferenças, e as diferenças nas semelhanças. Não percebemos que os números não são apenas quantificadores, mas ordenadores, classificadores e que nos dão ampla possibilidade de manipular mentalmente o mundo real. Nossos avôs, pedreiros analfabetos podiam formalizar relações matemáticas complexas como operações na ordem dos milhares de centenas. Nós sem a calculadora do celular, não somamos mais nem mesmo dezenas.

Vale ressaltar que Comenius e as concepções pedagógicas que se mantém a partir de suas ideias erram ao dizer que primeiro se forma a inteligência e depois a compreensão das coisas. Desde Freud sabemos que a mente é formada e na mesma medida usa essa formação para a compreensão do que virá a ser formado. Ou seja, os dois processos se dão indistintamente no mesmo momento.

Vigotski foi mais longe e mostrou em seu livro “Formação Social da Mente”, que muitas vezes se forma uma compreensão das coisas para junto se formar uma inteligência, ou desenvolvimento psicológico de capacidades que antes não existiam. Fala do desenvolvimento real e proximal. Das capacidades que se formam ao se ensinar algo que não havia capacidade para se entender, mas que essa é formada pelo processo de vir a conhecer. Mas esse autor é muito crítico, é apenas mastigado e dissolvido nas políticas pedagógicas, com uma citação despolitizada, que o colocam como a mesma coisa que o construtivismo, e pior que isso é um psicólogo te sugerir estudar o construtivismo de Vigotski.

E assim continua Comenius:

Fundamento VII: A natureza não dá salto, mas procede gradualmente. *Imitação*— A formação de uma ave passa pelas etapas, as quais não podem ser ultrapassadas nem transpostas, mas acontecem gradualmente. *Aberração*— O professor não estabelece metas de maneira que um conteúdo suceda o outro, mas trabalham numa desordem e confusão. *Correção*— Distribuir a totalidade dos estudos, de modo que os primeiros abram e iluminem os segundos, de maneira gradual. Com o tempo certo para que nada seja invertido.

Fundamento VIII: A natureza quando empreende um trabalho, não o abandona senão depois de o haver treinado. *Imitação*— Quando uma ave começa chocar um ovo, choca até o fim. *Aberração*— Se enviam as crianças às escolas por algum tempo e depois as tiram desse espaço e empregam-nas em outras atividades. *Correção*— Aquele que entra na escola deve permanecer até se tornar um homem instruído, honesto e religioso. Não se deve admitir que ninguém saia da escola.

Fundamento IX: A natureza evita diligentemente as coisas contrárias e prejudiciais. *Imitação*— A ave enquanto choca, aquece, protege seus ovos. Não deixa o vento forte, a chuva, as serpentes nenhum animal nocivo se aproximar. *Aberração*— Ao início de uma nova disciplina, não se deve levantar uma dúvida que ainda não se estudou. *Correção*— Não se deve dar nenhum livro além da sua classe. Não se deve tolerar companheiros dissolutos.

Conclusão: Se todas essas regras forem observadas escrupulosamente, será impossível que as escolas falhem na sua missão.

Novamente a culpa recai sobre o professor que não sabe, não segue gradualmente as etapas, não estabelece metas e ordem nos conteúdos. Trabalha em desordem e confusão. Esse discurso agrada sensivelmente os governantes, que se justificam assim do controle pernicioso que fazem na educação. Sobretudo ao condenar os profissionais a terem de

trabalhar 15 horas por dia em sala de aula, sem falar de outras tanta de preparo e dedicação aos seus alunos. Falar que esse sistema é uma escravidão, é tornar a escravidão um processo de trabalho humanizado. Basta averiguarmos quantos professores são afastados por problemas psicológicos e de estresse todos os anos. Quantos fazem tratamentos psicológicos e psiquiátricos. Quantos hoje, não por culpa sua, não ensinam mais verdadeiramente. Vegetam de sala em sala, reproduzem os livros didáticos do governo.

No fundamento VIII está explicitada a política mais atual do governo. O combate à evasão escolar. Todos nós concordamos, pois é justo que lutemos para efetivar de fato a educação. Que os alunos possam aproveitar de seus benefícios. O problema é que sob esse discurso têm se justificado uma aberração educacional. Pelo fingimento de que tudo está bem, apenas com aprovação dos alunos sem aprendizado. Economizam milhões para os cofres públicos, para se tornarem privados. Ninguém em sã consciência pode concordar que a reprovação seja algo bom sob todos os aspectos, mas acreditar que ao aprovar os alunos não desistem, é um exagero.

Pois o que os faz desistir e interromper seus estudos, não é culpa dos professores que os reprovam, mas da organização social, da divisão de classes que os força ao trabalho precocemente. Muito embora a legislação oriente que o trabalho infantil é um erro. A realidade de nossas famílias que vivem com salários mí nimos, acaba por não poder prescindir da contribuição financeira das crianças. Na pesquisa do IBGE de 2001 na região centro-oeste, nossa região, de 3 milhões e 89 mil crianças entre 5 e 17 anos, mais de 10% dessa, cerca de 363 mil trabalhavam. Quase a metade dessas crianças, 175 mil estavam entre 10 e 15 anos, ou seja, justamente numa idade importantíssima da educação lógica e abstrata.

Em nível nacional o estudo do IBGE apontava em 2001 a existência de 5 milhões e 482 mil de crianças no trabalho. Hoje OIT (Organização Internacional do Trabalho) braço direito do governo capitalista mundial, trabalha com dados bem mais modestos, mas não escondem a continuidade da situação. Em 2012 a OIT aponta que ainda se teria 3,5 milhões de crianças no trabalho infantil.

Maria Cláudia Falcão que é a coordenadora do Programa Internacional para Erradicação do Trabalho Infantil da Organização Internacional do Trabalho afirma que nos

últimos 20 anos o Brasil reduziu 58% dessa prática. No site da OIT lemos a seguinte declaração da Coordenadora:

O problema aqui no Brasil é que mais de 80% das crianças que trabalham têm mais de 14 anos, mas a maioria não está trabalhando de maneira formalizada como aprendizes. Precisamos de um esforço maior para que essas crianças possam ser inseridas no mercado de trabalho de maneira formal e com todos os seus direitos assegurados.

Quer dizer que se houvesse legislação para o trabalho aos cinco anos ou se a partir dos 14 anos as crianças estivessem dentro do sistema formal de trabalho assalariado tudo estaria certo e resolvido. Veja que em sua fala está tudo sobre controle, basta apenas legalizar. Não há problema. Parece uma realidade bem distante daquela que nós educadores vivenciamos todos os dias. Dados estatísticos podem mais do que mostrar a realidade encobri-la vergonhosamente. Pois pesquisas por amostragem não significam a realidade sempre, ainda mais quando há interesses gigantescos por detrás.

É nesse sentido que precisamos considerar também as pressões externas, de órgãos mundiais como Banco Americano, ONU e Unesco usam as táticas de índices, para pressionar mais o sucateamento da educação, em nome de uma suposta qualidade. Quantas vezes nós educadores presenciamos nos conselhos de classe, nas falas dos gestores da escola e da educação pública e mesmo em nossos colegas o discurso de que essa escola não pode reprovar para manter os índices e assim continuar com boas notas de avaliação do sistema educacional.

Uma pesquisa publicada no site oficial da secretaria de educação do Estado do Paraná, fala em termos nacional, que 77% dos lares dos estudantes que trabalham, a renda per capita é menor que um salário mínimo. Desses 23 % não tem qualquer rendimento ou estão a baixo de  $\frac{1}{4}$  de salário, ou seja estão abaixo da linha da pobreza. Assim o trabalho infantil e a dura realidade sofrida por essas crianças, não é um dado estatístico, mas representa uma realidade, essa é complexa por demais para ser simplificada, numa diretriz mecânica do Estado que diz que o problema são os índices de reprovação. Então é preciso não ser leviano e propor análises rápidas e descontextualizadas da realidade material, para se ter algo real da educação brasileira. Melhorar índices é maquiar a realidade. Mas ela vai continuar gritando para queiravê-la.

## 2.2 Da Organização Universal E Perfeita Da Escola

No Capítulo XXXII: Da organização universal e perfeita da escola, Comenius compara a educação de sua época com a arte de reproduzir livros antes da imprensa, através da cópia com pena e a moderna, com o multiplicar dos livros através da imprensa. Ele diz que embora a tipografia de Gutemberg seja mais cara, difícil e trabalhosa escreve livros com maior rapidez, precisão e elegância. Mesmo que meta medo o novo método instrui mais alunos com melhor aproveitamento do que os métodos antigos ou na ausência de métodos.

A respeito da aparente inutilidade da imprensa, pois já existe a técnica da pena, Comenius fala: “Em primeiro lugar dois rapazes podem imprimir mais exemplares de determinado livro, do que no mesmo tempo o faziam duzentos copistas.” (1957, p. 456) Sem contar a vantagem de serem correspondentes uns aos outros como nem um ovo é semelhante a outro. Além disso, não basta mudar os tipos e milhares serão corrigidos. Se nem todo papel é bom para a pena, na imprensa qualquer um pode receber tinta, do mais fino ao mais grosso.

Assim, afirma Comenius, com o Método Universal menor número de professores pode ensinar mais alunos, instruí-los melhor. Mesmo os de inteligência lenta poderão ser ensinados. Os professores sem muita habilidade em ensinar poderão, pois não precisam tirar da própria mente o que ensina, mas usando os livros como partitura de uma música.

Comenius continua com a comparação com a imprensa, e chama sua didática de didácticografia. Para ele pode-se imprimir ciência no espírito como tinta no papel. A tinta é a voz do professor, o papel é o aluno, os tipos são os livros didáticos e outros instrumentos pedagógicos, o prelo é a disciplina escolar. O método admite todos, pois qualquer papel pode ser impresso, quanto mais puro o aluno-papel melhor o resultado, mas ninguém é descartado.

As concepções de Comenius parecem previsões de um futuro computadorizado, em que escolas, governos, especialistas e até professores proclamam que só se pode ensinar pelos métodos behavioristas de treinamento. Quando novamente os métodos de pensamento crítico e individual são abandonados em nome da quantidade de informação que é preciso depositar nas páginas em branco, que são consideradas as crianças.

Uma importante matéria do The New York Times (2011), cujo título é “Avaliação da escola digital: Uma escola do Vale do Silício que não computa” mostra que importantes executivos de empresas de alta tecnologia, matriculam seus filhos em escolas que não possuem computadores e até veem com maus olhos o seu uso pelas crianças antes de determinada fase. A justificativa desses grandes entendedores da tecnologia é de que o nível exigido por qualquer programa, site ou sistema é tão baixo intelectualmente que põe por terra a ideia de que sem tecnologia as crianças crescem deslocadas da realidade e do futuro que representa a informática.

A matéria do The New York Times diz que essas escolas procuram incentivar trabalhos manuais que favoreçam o desenvolvimento do pensamento e sobretudo o ensino da cultura clássica, da arte e do relacionamento social. Há uma defesa na matéria de que ensinar é uma experiência humana. E que a tecnologia é um elemento de distração, mais do que de alfabetização, aritmética e pensamento crítico. Claro que essa experiência é em uma rede de escolas particulares, cujos valores são altíssimos. Os pais desses alunos têm em geral não apenas um nível econômico elevado, mas também alta formação acadêmica, bem como sua relação e entendimento da tecnologia em algum momento será passado aos filhos. Portanto diferente da nossa realidade.

Contudo, as propostas pedagógicas modernas que depositam uma expectativa exagerada nos modernos sistemas de informação, parecem desconsiderar que o aprendizado tem sido historicamente definido pelo contato social e humano, pela inter-relação. E que esse aprendizado não precisa ser apenas divertido, fácil ou agradável, mas, sobretudo significativo em termos de construção humana. Telas atraem e entretêm, mas não há garantias de real aprendizado apenas por serem agradáveis ou chamativos. Por vezes o pensar dói, é difícil e penoso, mais do que divertido e colorido.

Comenius continua sua comparação da educação com a imprensa moderna e diz que é preciso fundir e polir os tipos, os livros didáticos precisam ser preparados e como é necessária uma abundância de tipos para imprimir uma folha é preciso muitos livros e de toda a espécie. Os tipos são organizados por trabalho, assim os livros por série. Como o tipógrafo tem uma régua para ordenar e alinhar as linhas e colunas o professor precisa de normas, regras e livros que o oriente, para não cair em erros.

Só os tipos-livros não imprimem nada, mas com a tinta-voz imprimem imagens indeléveis e os alunos entendem e aprendem. Como a tinta da imprensa é de um óleo fino, a voz do professor deve ser suave e simples. O prelo aperta e prende o papel conforme sua grossura, então a disciplina requer graus. Primeiro a atenção continua, depois a repressão e o castigo para os que se recusam a obedecer às advertências. Mas é preciso prudência para não apertar demais a prensa e rasgar o papel, a disciplina é para tornar os alunos mais interessados e serenos.

Os espaços em branco dos livros dão melhor visão, assim o repouso e as recreações são importantes entre as atividades. Como o papel precisa ser umedecido para a impressão os alunos devem ser incitados pelo professor. E a tinta-voz inicia o trabalho: lê, refaz a leitura e explica.

No fim o professor verifica se cada página-aluno recebeu os conteúdos, a tinta. Depois põe-se as folhas para secar, a ventilação das inteligências são os exames, até que se fixe a tinta. Em seguida basta ordenar as folhas, examina-se os exemplares se estão completos e íntegros pelos exames finais. Então, assim como a tipografia multiplica os livros, veículo de instrução, assim a Didática Universal é possível multiplicar os jovens instruídos para prosperidade humana.

Nesse sentido, podemos dizer que Comenius é um indivíduo histórico, propôs um avanço à educação medieval, que era restrita para alguns. Na modernidade estabeleceu relações entre a educação e a realidade da nova sociedade capitalista, em que a aceleração e a inovação são importantes conceitos definidores da realidade. Suas concepções ainda hoje são usadas, não está totalmente ultrapassado. Nem mesmo está a frente de seu tempo, mas reflete justamente o desenvolvimento que as ciências e técnicas sofreram nesse período.

Contudo é preciso perceber que a história não é uma linha evolutiva ascendente, sempre em rumo ao melhor, ela tem retrocessos, avanços e estagnações. Por exemplo, ao valorizar em demasiaido apenas a quantidade de informação, e não a qualidade dela, o pensamento pedagógico atual, repete o erro moderno de desvalorizar a capacidade criadora de cada indivíduo sua consciência crítica, sua filosofia, em troca de um saber imediatista, especialista, fragmentado e válido apenas para certa exigência pragmática.

Nesse novo e atual processo de sucateamento, não apenas da educação, mas das capacidades criadoras dos seres humanos, a educação cumpre seu papel histórico de frear o

desenvolvimento humano em nome dos interesses econômicos de uma classe no poder, a qual lhe impõe um sentido. Um sucateamento que tenta nivelar pelo corte mais baixo possível a qualidade das capacidades humanas. Fomentando a mediocridade de se copiar, de se entreter em vez de criar e pensar.

O governo através da portaria 482 de junho de 2013, pelo Pacto da Nacional da Alfabetização na Idade Certa- PAINC formaliza um intrincado mecanismo de avaliação do ensino básico brasileiro. Assim expresso:

Art. 1º O Sistema de Avaliação da Educação Básica – SAEB passa a ser composto por três processos de avaliação: Avaliação Nacional da Educação Básica - ANEB, Avaliação Nacional do Rendimento Escolar - ANRESC e Avaliação Nacional da Alfabetização -ANA, cujas diretrizes básicas são estabelecidas nesta Portaria.

A ANEB (Avaliação Nacional da Educação Básica), sendo uma avaliação por amostragem do sistema público e privado a cada dois anos, tanto do ensino fundamental e médio. Diz que sua coleta de dados visa produzir informações sobre as condições infra e extraescolar que incidem sobre o processo de ensino e aprendizado. O último inciso nesse artigo fala: “as informações produzidas pela ANEB não serão utilizadas para identificar escolas, turmas, alunos, professores e diretores.”

Já a Avaliação Nacional do Rendimento no Ensino Escolar – ANRESC, feita também de dois em dois anos é voltada apenas para o ensino público, avalia a questão censitária, a qualidade do ensino ministrado nas escolas, dissemina a cultura avaliativa, quer reduzir as desigualdades e democratizar a gestão do ensino público pela criação de informação sistemática das unidades escolares. Se percebermos as entrelinhas serve muito mais para uma cópia das experiências que têm dado certo e que não dependem diretamente do governo, mas mais das iniciativas dos profissionais. Do que para a construção de propostas pelo próprio governo. Ninguém em sã consciência pode ser contra os aspectos positivos de uma avaliação, sobretudo quando ela serve para consertar o próprio processo em que ela se insere, mas a cultura avaliativa aqui, ao falar de padrões de qualidade, parece mais falácia de emissora de televisão, do que análise da realidade, principalmente por que essa cultura avaliativa, não considera o mais simples e elementar aspecto do processo de ensino, a sobrevivência material das crianças e dos professores. Embora no discurso seja

dito diferente, a cultura avaliativa é mais um aspecto para imputar os fracassos do ensino aos professores.

Por último a Avaliação Nacional da Alfabetização (ANA) diz pretender avaliar o ensino no Ciclo de Alfabetização, com o objetivo é produzir índices sobre o nível de alfabetização e letramento, repetindo das outras avaliações a questão da cultura avaliativa, de reduzir desigualdades, verificar a consonância com as metas e políticas das diretrizes do MEC. Pensamos que muito mais como forma de controle político de manter uma qualidade de pensamento crítico o mais baixo possível.

Vejamos o documento quando explica um dos processos de avaliação:

I - a ANEB tem como objetivo principal avaliar a qualidade, a equidade e a eficiência da educação brasileira;

II - caracteriza-se por ser uma avaliação realizada por amostragem, de larga escala, externa aos sistemas de ensino público e privado, de periodicidade bianual;

III - utiliza procedimentos metodológicos formais e científicos para coletar e sistematizar dados e produzir informações sobre o desempenho dos alunos do ensino fundamental e médio, assim como sobre as condições intra e extraescolares que incidem sobre o processo de ensino e aprendizagem;

IV - as informações produzidas pela ANEB fornecerão subsídios para a formulação de políticas públicas educacionais, com vistas à melhoria da qualidade da educação, e buscarão comparabilidade entre anos e entre séries escolares, permitindo, assim, a construção de séries históricas; e

V - as informações produzidas pela ANEB não serão utilizadas para identificar escolas, turmas, alunos, professores e diretores.

Repete reiteradamente a ideia de que eles são feitos sobre dados estatísticos, por amostragem, cientificamente comprovados e que devem servir para propor melhorias uma vez verificados problemas. Quem lê e tenta compreender se vê diante de um imbricado jogo de artigos que ao fim passa toda a responsabilidade ao INEP, que deve estar alinhado com as diretrizes e propostas do MEC.

Uma grande estrutura que coleta dados e que administra a partir dessas informações. Mas talvez desconsidere que as crianças envolvidas no processo não podem ser visto apenas como dados. Primeiro porque esses números podem não representar a realidade, segundo por que a soma de todos pode não significar o social concreto. Uma vez que os sutis mecanismos de coleta e análise dos dados não são isentos de intenções e interesses. Bem como, poderíamos pensar, por que tanta dedicação em procurar falhas e problemas se o mesmo empenho não dado aplicação desses na resolução do problema. Se for apenas para

produzir índices e com isso causar a sensação de que algo é realmente feito de concreto funciona, pois muitos profissionais caem na falácia governamental.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Comenius como um sujeito histórico não pode ser negligenciado, embora se separe de nós cinco séculos suas concepções precisam ser estudadas. Inclusive esse trabalho não deu conta de abordar, o porquê de seu pensamento, embora fundamento da educação capitalista é um pouco escondido, camuflado ou mascarado, não é explícito nos debates sobre educação. Levantamos um problema que não conseguimos resolver, mas que serve de ponto de partida para outros trabalhos sobre esse grandioso pensador. Será que de algum modo nele já está contido o germe do espectro que rondará a Europa do século dezenove, o fantasma do socialismo? Vale nova investigação desse autor.

Comenius fez o pensamento moderno em educação vingar, tem razão em suas análises, mas o seu uso hoje é descontextualizado. Hoje cumpre a função de ser discutido e problematizado pelas dificuldades reais da educação e pelos discursos e construções de sentido que se fazem e que se pretende verdade inquestionáveis na educação. Sobretudo aquelas vindo de cima, dos órgãos governamentais, via secretarias de educação que doutrinam muito bem seus aparelhos ideológicos com cursos e formações, para que se esqueça a realidade e apeguem a ideologia do governo de sucatear e fingem estar preocupado.

Não conseguimos fundamentar qualquer análise que nos respondesse sobre os motivos individuais da escolha de Comenius como referencial, talvez porque nossa perspectiva teórica e metodológica não parte do individual, mas do social. Mas percebemos que as escolhas em termos macro, de sistema estatal de educação são feitas porque o pensamento de Comenius, embora revolucionário para sua época, avança muito pouco em relação à superação de uma sociedade de classe.

## REFERÊNCIAS

CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. Tr. Álvaro Lorencini. São Paulo: Unesp, 1999.

COMÉNIO, João Amós. *Didática Magna*. In: **Opera Didactia Omnia**. Praga: Ed. Academia Scientiarum Bohemoslovenica, 1957.

IBGE. Trabalho infantil 2001. Disponível em:  
<[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/trabalho\\_infantil/](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/trabalho_infantil/)>. Acesso em: 06 out. de 2013.

LUZURIAGA, Lorenzo. **História da Educação e da Pedagogia**. São Paulo: Ed. Nacional, 2001.

MONROE, Paul. **História da Educação**. São Paulo: Ed. Nacional, 1979.

NA PRAIA CARTÃO VERMELHO CONTRA O TRABALHO INFANTIL. Organização Internacional do Trabalho. Disponível em:<<http://www.oitbrasil.org.br/content/na-praia-cartao-vermelho-contra-o-trabalho-infantil>>. Acesso em: 05 set. 2013.

PACTO DA NACIONAL DA ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA- PAINC. Portaria 482 de junho de 2013. Diário Oficial da União. nº 109, segunda-feira 10 de junho de 2013. Disponível em: <<http://www.in.gov.br/autenticidade.html>>. Acesso em: 05 set. 2013

PILETTI, Nelson; PILETTI, Claudino. **História da Educação**. São Paulo: Ed. Ática, 2003.

RICHTELL, Matt. Uma Escola do Vale do Silício que Não Computa. The New York Times. Publicado em 22 outubro de 2011. Tradução de Valdemar W. Setzer e revisão de Sonia A.L. Setzer.

TRABALHO INFANTIL. Secretaria de Educação do Estado do Paraná. Disponível em: <<http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/tvmultimidia/imagens/6pedagogia/1trabinfantil.jpg>>. Acesso em: 06 out. 2013